

14º Seminário Nacional Sociologia & Política
Saberes em Confluência
GT 03 - Título do GT Trabalho e Ação Coletiva no século XXI

Trabalho plataformizado e estratégias de sobrevivência de entregadores em contextos latinoamericanos: estudos preliminares¹

Andriele Arnaud²

INTRODUÇÃO

A proliferação de plataformas de entrega no contexto latino-americano, bem como suas causas e consequências, têm sido objeto crescente de estudos, conforme apontado por Bridi, Vêras e Mora-Salas (2023) e a literatura contemporânea sobre o trabalho plataformizado destaca a complexidade das relações de trabalho mediadas por algoritmos e a crescente mercantilização da força de trabalho em um cenário de desregulamentação, no qual o trabalhador assume os riscos e custos da atividade, enquanto a plataforma detém o controle sobre as tarifas, sobre o acesso ao trabalho e sobre a avaliação (Abílio, 2019).

O trabalho plataformizado traz à tona o sujeito empresa, a internalização da lógica empresarial, a gestão de si (Abílio, 2019), a responsabilização total dos ganhos e das perdas, do sucesso e do fracasso, enfatizando a ética da performance e a fragilização do coletivo. Neste sentido, a visão corporativa é transferida para o sujeito individual moldando a figura do trabalhador como autônomo e empreendedor, para o qual se transfere a gestão baseada na meritocracia e na aversão ao controle estatal sobre a legislação das atividades laborais. Junto a esses fatores e, principalmente, em regiões caracterizadas por altas taxas de informalidade e vulnerabilidade social, como a América latina, a plataformização encontra terreno fértil para a sua expansão.

¹ Este artigo faz parte da pesquisa de doutorado em andamento e do projeto PLATLABORAL-REDLATT.

² Doutoranda em Sociologia (UFPR), bolsista CAPES, participante do projeto de cooperação internacional PLATLABORAL-REDLATT, integrante do GETS – Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade (UFPR) e do GIEPTALC – Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Capitais Transnacionais, Estado, classes dominantes e conflitividade na América Latina e Caribe (UNILA). Correio eletrônico: andrielearnaud@yahoo.com.

As empresas plataformizadas apregoam que o trabalho de entregas é uma atividade que requer habilidades simples como saber conduzir uma motocicleta ou bicicleta, saber utilizar o aplicativo e conhecer basicamente a área geográfica na qual o entregador irá trabalhar, não há a exigência de formação ou experiências prévias como destaca o site do iFood (2026): “com dedicação, dá pra aprender tudo no dia a dia!”. No entanto, durante as atividades desse trabalho, os entregadores encontram várias situações e dificuldades que se, de início, não estavam no rol de atividades, eles precisam aprender para "pegar o jeito" do trabalho.

Esse aprendizado se refere à necessidade do trabalhador em conhecer, aprender, adquirir e colocar em prática diversas ações e criar ferramentas para realizar suas atividades de maneira ágil, mais segura e que garanta minimamente a renda. E ainda, às táticas cotidianas utilizadas pelos trabalhadores para tentar maximizar rendimentos e para mitigar os riscos inerentes ao trabalho.

Assim, em contextos de precarização laboral e de desafios de regulamentação, o tema central de nosso estudo foi identificar algumas estratégias de sobrevivência dos entregadores por aplicativo nas cidades de Curitiba, (Brasil) e da Cidade do México (México), no âmbito da pesquisa desenvolvida pelo projeto PLATLABORAL-REDLATT (2023-2025)³ para maximizar seus ganhos, que incluem desde a otimização de horários e rotas até a escolha estratégica de veículos e a leitura atenta dos algoritmos, e para aumentar a segurança, como acontece a partir do compartilhamento de informações e a formação de redes de apoio mútuo via plataformas digitais.

Esses conjuntos de estratégias revelam a capacidade de adaptação e de resistência por parte dos entregadores diante da precarização e da ausência de proteção formal e também destacam a importância da solidariedade em um contexto de alta vulnerabilidade como é o trabalhos nas ruas. Essas práticas demonstram muito mais do que respostas defensivas dos entregadores frente aos desafios da atividade quanto à maximização dos ganhos e à proteção da integridade física, elas nascem de um aprendizado coletivo e formam um conjunto variado de agência, do qual podem derivar práticas de resistência e de ação conjunta frente à exploração do trabalho plataformizado.

³ Projeto de pesquisa “Relações de trabalho em plataformas digitais em contextos periféricos: fator de repadronização na América Latina?” - do PLATLABORAL - REDLATT (projeto CNPQ 442109/2023-7 - Projeto em cooperação com comprovada articulação internacional) que está realizando pesquisas em cinco países da América Latina: Argentina, Brasil, Colômbia, México e Uruguai, de modo a mapear as condições de trabalho e compreender as configurações desse tipo de trabalho nesse contexto.

O trabalho plataformizado e o contexto desse estudo

O sucesso dos discursos neoliberais nas atividades laborais contemporâneas, especialmente naquelas baseadas em plataformas (Abílio, 2019), se traduz na incorporação, pelos trabalhadores, de práticas empresariais amplamente utilizadas no âmbito corporativo, transcendendo os processos de trabalho e permeando a subjetividade desses trabalhadores. Nesse ínterim, o trabalho plataformizado, que abrange desde a entrega de alimentos e o transporte de passageiros até o trabalho remoto e os serviços *freelance*, reconfigurou o panorama laboral em várias partes do mundo e tornou-se uma fonte de renda significativa para uma parte crescente da população por oferecer uma alternativa de subsistência, ainda que precária.

A plataformização do trabalho é um processo de reorganização e controle do trabalho mediado por plataformas digitais (como aplicativos de entrega ou transporte), que se destaca na América Latina por se articular com o trabalho informal e precário já presente historicamente. Estudiosos como Ludmila Abílio e Rafael Grohmann (2019, 2020, 2023), frequentemente abordam o conceito, ressaltando as seguintes características: a gestão algorítmica e a datificação, a precarização estrutural e a racionalidade neoliberal. Esses e outros pesquisadores destacam a importância de se analisar o processo a partir da América Latina onde o trabalho em plataformas, muitas vezes, se apresenta como uma das poucas alternativas possíveis de busca por ocupação e renda.

A América Latina, então, é o contexto de nosso estudo e para esse artigo vamos trazer os resultados preliminares da pesquisa realizada entre 2024 e 2025 nas cidades de Curitiba (BR) e Cidade do México (MEX), onde realizamos as entrevistas para a pesquisa do projeto maior, o PLATLABORAL-REDLATT, sobre as estratégias de sobrevivência dos entregadores plataformizados.

No Brasil, mais que no México, as atividades plataformizadas de entregas ainda carecem de proteção legal, assim as empresas se valem dos discursos de liberdade, flexibilidade e autonomia para impedir, frear ou burlar a proteção legal necessária ao trabalhador. Conforme Veras e Festi (2023) os entregadores no Brasil, que somavam em 2022, 385.742 trabalhadores nas empresas como iFood, 99 e Zé Delivery (Cebrap, 2023), operam em um limbo entre a subordinação e a autonomia gerenciada por algoritmos e essa dinâmica resulta em uma constante pressão para que os trabalhadores otimizem seu desempenho e tempo de trabalho, muitas vezes em detrimento de sua saúde e segurança.

A pesquisa de Amorim & Moda (2020) sobre motoristas de aplicativos da Uber já apontava para o gerenciamento algorítmico como um fator central nas condições desse tipo de trabalho. Os algoritmos determinam a distribuição de corridas, as tarifas e as avaliações, impactando diretamente os ganhos e a capacidade de controle dos trabalhadores sobre sua própria jornada. Essa lógica se estende aos entregadores de comida, que dependem da aceitação de pedidos para maximizar seus rendimentos e que estão sob a pressão dos algoritmos.

No México, o trabalho por plataformas digitais de *reparto* (entrega) representa um modelo de negócio em expansão que oferece flexibilidade e facilidade de entrada para gerar renda. Contudo, por trás desses benefícios, estão ocultas formas de trabalho precário, alta vulnerabilidade e vazios legais e de proteção básica para os trabalhadores. O crescimento exponencial dessas plataformas nos últimos dez anos tem gerado novos modelos de negócios virtuais, permitindo a expansão de uma informalidade digital. O mercado de trabalho mexicano, já caracterizado por salários baixos e precarização, teve essas condições intensificadas pelo trabalho virtual mediado por empresas *online* e agravadas pela pandemia de COVID-19 (García, Flores e Guzmán, 2024).

Semelhante ao contexto mexicano, pesquisas realizadas no Brasil (Brasília e Recife), tomando como referência os princípios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o trabalho decente, demonstraram que nenhum dos princípios (rendimento adequado, jornada de trabalho decente, ambiente de trabalho seguro, seguridade social, igualdade de oportunidade e, crucialmente, liberdade sindical e direito à negociação coletiva) é respeitado pelas empresas-plataformas do segmento de entrega. Além disso, as jornadas são excessivas, frequentemente ocupando seis a sete dias por semana e doze horas por dia, ou seja, muitos entregadores não têm tempo digno para descanso, para refeições ou para necessidades básicas (Oliveira e Festi, 2023).

E ainda, os entregadores são obrigados a aceitar o preço fixado pelas plataformas para o serviço e a qualificação dada pelos clientes tem forte incidência nas condições laborais, servindo como medida para determinar prêmios ou penalidades. Há ainda a desativação arbitrária por parte das empresas, de maneira temporária ou definitiva, quando os entregadores violam os termos e condições ou sem motivo plausível, o que funciona como uma forma de subordinação com repercussões diretas sobre as remunerações.

Assim, apesar do discurso promovido pelas empresas de que os entregadores são parceiros e empreendedores independentes, os mecanismos de controle estão presentes e são

permanentes, pois as companhias exercem controle detalhado sobre os movimentos e a localização dos trabalhadores, o que restringe a liberdade de mobilidade e pode determinar sanções (Dal Bono, 2019). As plataformas se colocam como infraestruturas digitais que conectam clientes e prestadores, mas invisibilizam as mazelas das condições laborais e o controle do tempo, das tarefas e da remuneração.

As estratégias de sobrevivência

A erosão das garantias sociais do trabalho na contemporaneidade exige ações cada vez mais intensificadas por parte dos trabalhadores para tentar diminuir ou mitigar a precariedade da atividade. Assim, o conceito de estratégias de sobrevivência é central para compreender como os trabalhadores enfrentam as dificuldades, as incertezas e as inseguranças, especialmente em contextos de alta desregulamentação e informalidade como a América Latina. Esses enfrentamentos não dizem respeito somente à necessidade econômica, mas a um processo diário de reestruturação prática e subjetiva que envolve desde a internalização de mentalidades gerenciais até a criação de redes de apoio.

Para Mancini (2017), a utilização de estratégias de sobrevivência no mundo do trabalho está relacionada, especialmente, com os níveis de flexibilidade e aos trabalhos atípicos e são consequência das incertezas e da insegurança laboral, *“tanto para la reproducción de la fuerza de trabajo como para afianzar el buen funcionamiento de la estructura productiva de los países* (Mancini, p. 31)”.

A autora destaca que

En un ambiente de movilidad y rotación permanente, los nuevos riesgos del trabajo devienen un mecanismo de asimilación y terminan internalizándose como conciencia práctica para el obrar que se problematiza (porque el individuo es reflexivo) pero que no se redistribuye fácilmente. En este sentido el obrar debe reestructurarse sobre nuevas formas individuales a partir de una crítica permanente y revisada de uno mismo que terminaría reflejándose en la autoexigencia de reconstituirse cotidianamente como trabajador en una especie de presente continuo (Mancini, 2017, p. 78).

Mancini avança e trata de narrativas e práticas no gerenciamento dos riscos no mundo do trabalho apresentando um conjunto de termos como: mentalidade gerencial, bons contatos, ilegalidade, competição, ficar quietos, especular, metas a prazo instantâneo, bons costumes, aprender a desconfiar das pessoas, entre outros, que foram mencionados por entrevistados em sua pesquisa a respeito das percepções geradas pela sensação de risco e de incerteza no mundo do trabalho (2017, p. 243).

A partir das percepções expressas por esses termos, nos apoiamos na proposição da autora ao inverter a pergunta sobre os riscos e

“analizar cuáles los principales mecanismos que utilizan los trabajadores para responder a situaciones específicas de inseguridad”, a partir das “lógicas de anticipación, de negación o de reacción, donde el riesgo puede aparecer como un dilema individual o colectivo, como una cuestión de decisiones o elecciones en un contexto determinado de límites sociales y funcionales (Mancini, 2017, p. 244)”.

Desse modo, diante da piora nas condições de emprego e às mudanças nos padrões regulatórios, em especial no contexto latino-americano, os trabalhadores recorrem a táticas variadas para lidar com o crescimento da insegurança. Em um cenário de flexibilidade e de precariedade, esses trabalhadores assimilam os perigos inerentes à atividade laboral, construindo uma espécie de conjunto de orientações práticas que podem ser internalizadas e que exigem uma constante busca por aprimoramento.

A ação individual, portanto, precisa ser reorganizada sob novas bases, demandando reflexão, aprendizado e exigência pessoal de se redefinir continuamente no papel de trabalhador, todos os dias, de modo a garantir a sua sobrevivência e a reprodução social. Não se trata de uma assimilação acrítica (Haidar, Arias e Menendes, 2023), em última análise, trata-se do grau de dependência que os trabalhadores têm com relação ao trabalho, trata-se da sobrevivência do trabalhador e de quem depende de seu ganho.

As estratégias dos entregadores plataformizados

As estratégias de sobrevivência aportam análises sobre o que está em constante negociação na plataformização do trabalho: sujeição e autonomia, intervenção e decisão, entre outros, e no cotidiano dos entregadores que estão sob o gerenciamento algorítmico. A partir dessas colocações a noção de estratégias de sobrevivência se mostra indispensável para compreender a ação do trabalhador no cenário laboral contemporâneo, marcado por estruturas de poder complexas e, muitas vezes restritivas, como são as plataformas digitais.

Palermo e Molina (2022) apontam que os entregadores plataformizados enfrentam a precariedade e a instabilidade no trabalho através de estratégias de agência, nas quais constroem saberes práticos e redes de socialização para promover dinâmicas de previsibilidade. Esses trabalhadores transformam tanto as incertezas estruturais quanto as cotidianas em estratégias, ou seja, eles desenvolvem práticas, saberes e habilidades de modo a buscar espaços de certeza e de autonomia.

Essas estratégias incluem gestão algorítmica e “resistências mudas” como as práticas de desligar o aplicativo ou colocar o telefone em modo avião para ficar invisível ao GPS da plataforma e evitar pedidos indesejáveis, e a socialização e o aprendizado coletivo, com a troca de experiências nos grupos sobre a dinâmica de pagamentos, como evitar perigos e até mesmo sobre o suporte da empresa, entre outros (Palermo e Molina, 2022).

Os autores trazem ainda que, para maximizar os ganhos e não estarem tão alheios ao trabalho em plataformas, os entregadores se empenham em se tornar especialistas no uso de ferramentas que possibilitam o uso simultâneo de várias plataformas para aproveitar bônus e garantir fluxo constante de trabalho, o cálculo racional da jornada no qual a escolha das áreas de atuação e o planejamento de pausas para comer são levadas em consideração e o investimento no veículo, como por exemplo, passar da bicicleta para a moto para reduzir o desgaste físico e aumentar a produtividade (Palermo e Molina, 2022).

A utilização das estratégias evidencia como os trabalhadores não são meros receptores passivos de ordens, mas sim sujeitos que produzem sentidos e margens de manobra ativas, utilizando seus conhecimentos práticos e sociais para encontrar brechas e reconfigurar as exigências do trabalho (Haidar, Arias e Menendes, 2023). Não obstante, a necessidade de adaptação e a inteligência prática dos trabalhadores, que se ajustam às exigências da plataformização como prática indispensável para a sua subsistência e para preservar a continuidade de sua reprodução social, se configuram como trabalho não pago e, até mesmo, assimilado pelas plataformas para a criação de recursos a serem oferecidos por elas aos trabalhadores e consumidores.

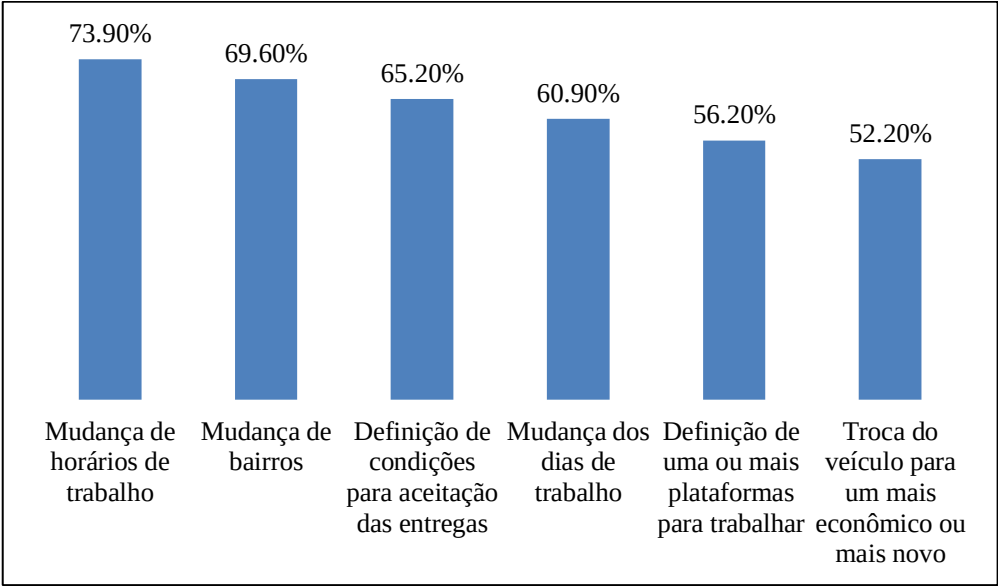
Desse modo, diante da degradação das condições laborais, as estratégias de sobrevivência são vitais para a manutenção da reprodução social e no trabalho plataformizado, privado de direitos e de garantias, mas cheio de incertezas e de inseguridades, o desenvolvimento de saberes práticos, o uso estratégico da tecnologia e a criação de redes de socialização constituem mecanismos fundamentais para diminuir a vulnerabilidade imposta pelos algoritmos.

Partindo dessas reflexões, vamos apresentar as estratégias de sobrevivência dos entregadores em duas categorias: a busca por melhor remuneração e a mitigação dos riscos. Essas categorias partem do projeto REDLATT-PLATLABORAL e serão balizadores para a análise de resultados de nossa tese de doutorado em construção, cuja hipótese se baseia, também, na premissa de que as estratégias fazem parte de um aprendizado sobre a racionalidade econômica e a adaptabilidade por parte dos entregadores.

A busca por maior remuneração é um dos principais motivos para que os entregadores aprendam e apliquem ações de estratégias de sobrevivência, dada a variabilidade e imprevisibilidade dos ganhos via plataforma. Assim, podemos elencar, inicialmente, como estratégias dessa categoria o aumento da jornada de trabalho e de dias trabalhados, o ajuste de horários e das áreas de atuação, a troca e otimização de veículos, a compreensão do funcionamento do aplicativo e de suas vantagens e desvantagens e a importância do atendimento ao cliente.

O gráfico abaixo apresenta as estratégias para melhorar a remuneração citadas pelos entregadores da Cidade do México nas entrevistas realizadas em 2024 e 2025, nas quais a mudança dos horários de trabalho significava que eles já não podiam escolher os horários para trabalhar, mas que teriam que se adaptar, realizando entregas no horário do almoço e do jantar, em bairros distintos do que estavam acostumados, percorrendo distâncias maiores e trabalhando por mais tempo, apontando que idéia de autonomia e de flexibilidade horária se caía por terra.

Gráfico 1: Estratégias para aumentar a renda – Cidade do México



Fonte: elaborada pela autora com base no Relatório REDLATT-PLATLABORAL (2025)

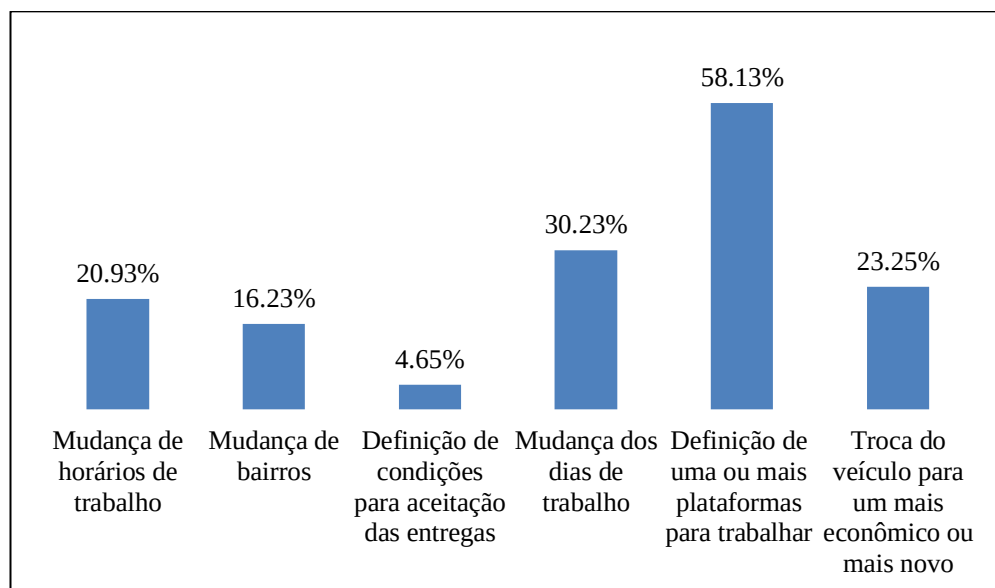
Dos 23 entregadores entrevistados, a maioria realizava mudanças nos horários de trabalho para tentar aumentar sua renda, atendendo aos pedidos nas horas de pico como é o horário da *comida*, entre 11 e 15 horas, o equivalente ao horário do almoço no Brasil. Alguns relatos apontam que, no início, os entregadores podiam escolher os horários conforme suas

atividades domésticas ou, até mesmo, suas outras ocupações. Com o passar do tempo, a atividade passou a exigir que eles se adequassem aos horários de maior demanda para poder manter os mesmos ganhos e não baixar o *score*, ou seja, a classificação, que depende da aceitação de pedidos e da avaliação do cliente e que determina o direcionamento de mais ou de menos pedidos.

A mudança das áreas de atuação também é um fator de destaque entre os entregadores capitalinos (gentílico de quem nasce na Cidade do México), de modo que os entregadores se arriscavam mais ao entregar os pedidos em bairros mais perigosos. E aqui, um fato interessante da pesquisa: os entregadores da Cidade do México apontavam para os aplicativos os perigos das *zonas rojas*, ou seja, dos bairros mais perigosos, onde alguns já haviam sofrido assaltos, roubos e outros tipos de violência, inclusive assédio. O aplicativo Rappi compilou essas informações e construiu um mapa que foi adicionado à plataforma de modo a alertar os entregadores. Vemos aqui o trabalho não pago dos trabalhadores, o trabalho conjunto e partilhado, sendo utilizado para alimentar a própria plataforma.

Enquanto na Cidade do México mais da metade dos entrevistados já tinha utilizado todas as estratégias citadas para manter ou aumentar a renda, em Curitiba (onde entrevistamos 43 entregadores) apenas a “definição de um ou mais plataformas para trabalhar” foi a estratégia apontada por mais da metade dos trabalhadores.

Gráfico 2: Estratégias para aumentar a renda - Curitiba



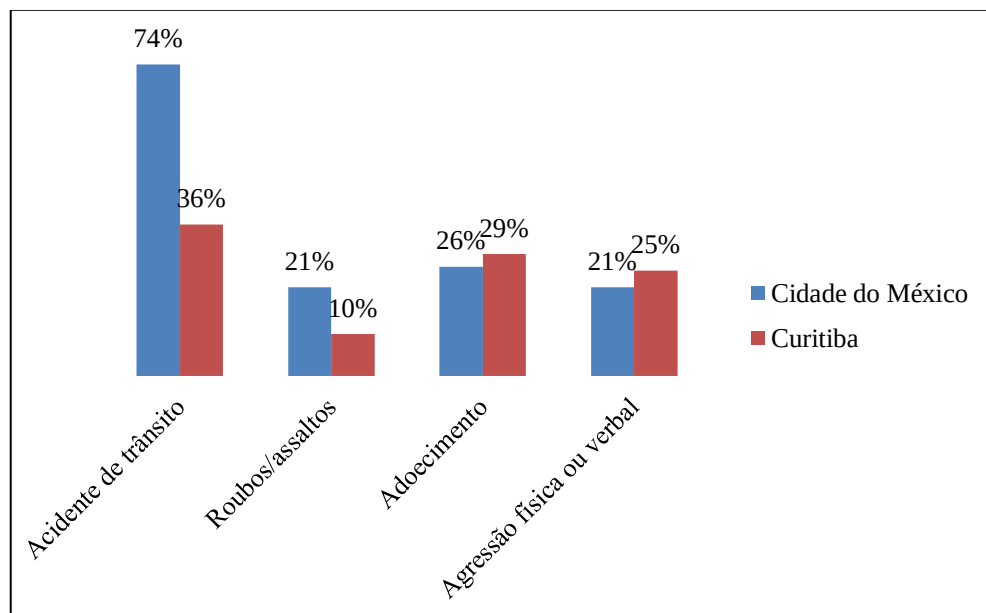
Fonte: elaborada pela autora com base no Relatório REDLATT-PLATLABORAL (2025)

Os relatos de Curitiba, no entanto, apontam que as condições de trabalho já tinham a característica de trabalho árduo desde o início das atividades, ou seja, não havia muita possibilidade de escolha quanto aos horários, dias ou bairros de um modo mais pessoal para um mais competitivo. E, paradoxalmente, o fato de poucos relatarem que não definiam condições para a aceitação das entregas, mostrou que aceitavam todos os pedidos, o que pode apontar para o aumento da insegurança e dos riscos inerente ao trabalho com moto ou bicicleta.

Assim, podemos passar para os dados sobre as estratégias para o aumento da segurança (material, individual e coletiva) e da mitigação dos riscos que tratamos como: o compartilhamento de experiências nos grupos enquanto esperam os pedidos, nas redes sociais e nos grupos de mensagens, a criação de redes de apoio informais e o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, entre outros que possam aparecer ao longo da investigação.

O gráfico abaixo expõe os principais riscos apontados pelos entregadores capitalinos e curitibanos no período das entrevistas (2024-2025) durante o trabalho por aplicativos. Riscos pelos quais muitos já passaram e outros, infelizmente, não saíram ilesos como de assaltos e acidentes.

Gráfico 3 – Riscos no trabalho por aplicativos



Fonte: elaborada pela autora com base no Relatório REDLATT-PLATLABORAL (2025)

Entre as principais questões sobre a segurança, o apoio e a ajuda em casos de acidentes e de roubos são as que mais tiveram destaque nas entrevistas, pois acidentes no trânsito, o

adoecimento, os roubos e as agressões verbais foram apontados como principais riscos aos quais os entregadores estão expostos. A partir de casos muito trágicos, infelizmente, a segurança vial e o assédio sexual sofrido pelas entregadoras foi o mote inicial para a criação dos coletivos “Ni um repartidor menos” e “Ni uma repartidora menos” que, na Cidade do México, buscam garantir os direitos dos trabalhadores no que diz respeito à segurança.

Os relatos coincidem nas duas cidades quanto ao fato de que os entregadores desconhecem a existência de apoio por parte das empresas nos casos de acidentes ou incidentes ou que elas se limitam a orientá-los a descartar o pedido e desligar o *app* até que possam voltar ao trabalho. Assim, as redes de apoio são fundamentais para o enfrentamento dessas situações e os entregadores costumam utilizar das seguintes ferramentas para evitar riscos: compartilhar a localização, trocar informações sobre o bairro onde será feita a entrega, evitar as “*zonas rojas*”, delimitar um raio próximo ao estabelecimento de onde saem muitos pedidos.

Conhecer o funcionamento dos restaurantes, a dinâmica dos condomínios, as rotas e entender o funcionamento da plataforma são, por sua vez, as estratégias que se referem ao aprendizado e ao desenvolvimento de habilidades que os trabalhadores por aplicativos têm de buscar para realizarem a atividade de entregas. Os pontos de encontro dos entregadores são os espaços onde a troca de saberes acontece e dali nascem as redes de comunicação e de apoio que não são oferecidas pelas empresas-plataformas, ou seja, os trabalhadores mesmo têm de organizar e separar um tempo na correria do trabalho de entregas para aprender, trocar informações, entre outros, com o objetivo de melhorar a atividade.

Nas duas cidades, conversamos com alguns entregadores que costumam esperar os pedidos em praças, estabelecimentos comerciais ou em shoppings para facilitar a retirada do pedido e também os deslocamentos necessários. Muito desses locais de concentração de se converteram em espaço de socialização para estabelecer laços de confiança e ajuda mútua em caso de alguma urgência, para o compartilhamento de aprendizados e, eventualmente, para discutir questões coletivas.

Nesse sentido, as redes informais de comunicação, originalmente voltadas para a busca por aporte e suportes individuais, transformam-se em espaços de debate sobre as condições de trabalho e a possibilidade de ações coletivas (Haidar, Arias e Menendes, 2023). A própria estrutura digital das plataformas, curiosamente, facilita essa interação e a solidariedade, que podem ser catalisadoras para reivindicações futuras por direitos e por melhores condições.

O compartilhamento de experiências e a formação de redes de apoio não se limitam à eficiência ou segurança individual, eles apontam, para além da mera adaptação, um embrião de organização coletiva e resistência em curso quando os entregadores se utilizam dessas estratégias de sobrevivência. E apesar da ideologia de autonomia e empreendedorismo individual, a vivência compartilhada de exploração (mudanças unilaterais de tarifas, controle algorítmico, falta de proteção) e frustração tem levado os entregadores a reconhecer a necessidade de organização.

CONCLUSÃO

A partir do trabalho de campo de nossa tese em construção, tivemos contato com entregadores da Cidade do México e de Curitiba e pudemos observar, também baseados na literatura existente, que esses trabalhadores utilizam diversas ferramentas e táticas para melhorar a atividade de entregas por aplicativos, seja para protegerem-se de assaltos e de acidentes, para mitigar os riscos inerentes a esse tipo de trabalho, seja para conseguir manter ou aumentar a renda aferida com as entregas. Essas estratégias não são apresentadas pelas empresas-plataforma como saberes necessários no momento em que os trabalhadores fazem seu cadastro no aplicativo, ao contrário, elas fazem parte de um processo de aprendizagem que ocorre durante a atividade e que se tornam indispensáveis ao trabalho.

Então, no contexto da plataformização, no qual se apregoa que a atividade é rentável, que o entregador é seu próprio patrão, entre outros chamativos que fazem parte da linguagem corporativa, destacamos que o estudo dessas estratégias, que neste estudo chamamos de estratégias de sobrevivência, se faz importante para compreendermos o trabalho plataformizado, especialmente na América Latina e por lentes latinoamericanas como as que trouxemos neste trabalho.

O aumento da carga horária, a escolha por bairros menos distantes, a troca do veículo, a comunicação e a formação de redes são alguns dos exemplos das estratégias apresentadas e que têm uma carga de trabalho não pago, além de servirem, inclusive para alimentar a plataforma que pode usar as informações em benefício próprio mesmo quando elas utilizam discursos de proteção ao trabalhador. Aliás, a falta de apoio por parte das empresas e do Estado faz parte da desproteção que a atividade desregulamentada e informal acarreta e a América Latina conhece essa realidade muito bem.

Mas, isso não significa que os trabalhadores atendam com passividade as demandas discricionárias do algoritmo, mas que procuram entender o funcionamento das plataformas e

da atividade como um todo para, inclusive, fazer mobilizações, lutar por direitos e formar coletivos que atuam de modo a proteger o trabalhador. A ação coletiva aponta para horizontes de melhora das condições de trabalho e de possíveis regulamentações para a proteção da vida.

REFERÊNCIAS

Referências

Abílio, L. C. (2019). **Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado**. *Psicoperspectivas*, 18(3), 1-11. Abílio, L. C. (2020) Plataformas digitais e uberização: a globalização de um Sul administrado? *Contracampo*, v. 39, n. 1, p. 12-26.

Abílio, L. C., Amorim, H. Y Grohmann, R. (2020). **Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas**. *Sociologias*, 23(57), 26-56.

Amorim, H. Moda, F. B. **Trabalho por aplicativo: gerenciamento algorítmico e condições de trabalho dos motoristas da uber**. *Revista fronteiras*, vol. 22 nº 1, janeiro/abril 2020.

Bridi, M. A., Vêras, R., Mora-Salas, M. (2023). **Plataformas de repartidores en América Latina: estado del arte**. *Revista Brasileira de Sociología*, 11(29)14-40.

Del Bono, A. (2019). **Trabajadores de plataformas digitales: Condiciones laborales en plataformas de reparto a domicilio en Argentina**. *Cuestiones de Sociología*, 20, e083. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/119527>.

GARCÍA, A. C., FLORES, M. S. L., GUZMÁN, R. R. (2024). **Plataformas digitales de trabajo en México: los trabajadores de reparto de aplicaciones**.

Grohmann, Rafael. (2020). **Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal**. *EPTIC*, v. 22, n. 1, p. 106-122.

Haidar, J., Arias, C.; Menéndes N.D. (2023). **Precarización y trayectorias laborales itinerantes de trabajadoras/es de plataformas de reparto en La ciudad de Buenos Aires**. *Lavboratorio*, 33(2), 9-35.

iFood (2026). **Entregar com a gente é só vantagem**. Disponível em: <https://entregador.ifood.com.br/comecar-a-entregar/#:~:text=Ter%20mais%20de%2018%20anos%20%C2%B7%20Ter,ou%20carro%2C%20possuir%20a%20CNH%20da%20modalidade>.

Mancini, F. (2017). **Asir incertidumbres: riesgo y subjetividad en el mundo del trabajo**. Ciudad de México: El Colegio de México.

Vêras de Oliveira, R., Festi, R. (2023). Entregadores de aplicativos no Brasil: entre a subordinação e a “autonomia”, *Contemporanea*, 13(1)55-80.

Viana Braz, M., Mendes, T. C. & Ferreira, Y. T. (2020). **Ideologia gerencialista e plataformas de treinamentos de dados para Inteligência Artificial (IA): condições de trabalho e saúde dos trabalhadores no Brasil**. Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 759-784, out.-dez. [www.reciis.icict.fiocruz.br] e-ISSN 1981-6278.